

Cada artefacto, uma história: olhar as cerâmicas no contexto pré-histórico da gruta do Algar da Água

Carlos Joaquim d'Ascensão Esquetim¹, Alexandra Águeda de Figueiredo²

1 - Investigador do Centro de Investigação de Ciências Históricas – Universidade Autónoma Lisboa. R. de Santa Marta 56, Lisboa 1169-023.

vanda.carlos.esquetim@gmail.com.

2 - Instituto Politécnico de Tomar/Centro de Geociências/laboratório de Arqueologia e Conservação Subaquática. Rua Quinta do Contador. Estrada da Serra n°13, 2300-313 Tomar – alexfiga@ipt.pt

Recebido: 30-9-2021. Publicado: 26-11-2021

Resumo

Este trabalho, pretende contribuir com novos apuramentos, em relação aos já apresentados, de forma a complementar os trabalhos de aferição de dados sobre o sítio arqueológico do Algar da Água, Alvaiázere.

Nesta linha centrar-nos-emos principalmente nos estratos balizados no período pré-histórico, exumados na gruta, sito na serra de Alvaiázere, seguindo uma metodologia que parte da singularidade e especificidade individual dos artefactos encontrados, nomeadamente os cerâmicos, para o seu contexto local e regional

Palavras-chave: Algar da Água, Gruta, Cerâmicas, Pré-história.

Abstract

This work exposed, intend to contribute with more knowledge and clarifications, in relation to those already presented, as well, to complement the work of checking data, on the archaeological site of Algar da Água, Alvaiázere.

This proposal will focus on the stratigraphy of the prehistoric period, and the material exhumed in it, located in the mountains range of Alvaiázere. The methodology used, started from the uniqueness and individual specificity of the artifacts, ceramics, and your drawings, for their local and regional context.

Keywords: Algar da Água, cave, ceramics, prehistory.

1. INTRODUÇÃO: DE DENTRO PARA FORA

Mencionar a análise da utensilagem coletiva e quotidiana dos indivíduos e, no espaço em questão, a sua relação com a semiótica simbólica da mensagem que estes adquiririam quando relacionados com ambientes culturais, ainda está longe de um entendimento profundo. Não podemos, no estudo arqueográfico, desapossá-los do espaço físico próprio e dos contextos que os integram, seja na totalidade do sítio ou das unidades estratigráficas de onde provêm, isto é, dos momentos e atos simbólicos individuais. Para além destes, importa analisar, ainda, o espaço geográfico, com características muito próprias, que permitiram a fixação de grupos humanos, onde, ao longo do tempo, dele sobreviveram e, aí deixaram as suas marcas (fig.1). Convém, pois, perceber, em que conjunturas

encontramos artefactos similares, as teorias explicativas de organização e identificação dos nossos pares, o meio geográfico, a paisagem e a evolução do comportamento, as atividades económicas e as condutas de grupo, os rituais e os processos de culto, as mensagens físicas e simbólicas que vemos surgir e que a nossa perceção consegue apreender no dealbar destas sociedades complexas.

Neste artigo iremos realizar uma análise genérica dos materiais cerâmicos pré-históricos observados, partindo para o exterior, tentando encontrar similitudes e estabelecer conexões com outros sítios na região. A leitura será superficial, somente alinhavando algumas características morfotecnológicas que consideramos relevantes numa primeira abordagem às cerâmicas recolhidas deste sítio arqueológico.

2. O SÍTIO DO ALGAR DA ÁGUA

O sítio do Algar da Água localiza-se no topo da serra, próximo a um habitat da Idade do Bronze e do Ferro (Félix, P. 1999; 2004; 2006), que controla visualmente toda a região. A muralha deste habitat, onde as estruturas de ocupação se observam essencialmente a norte, prolonga-se para sul, aproveitando a orogenia da serra, integrando o sítio do Algar da Água no seu interior, sensivelmente ao centro de toda a área fechada pela muralha (Figueiredo, 2019).

Como o próprio nome indica e que foi herdado pela população local, a cavidade é um espaço extremamente húmido, tendo sido fonte de recurso de água. Fora da muralha, na vertente da serra, destaca-se uma pequena cavidade (Buracas da Serra) onde se registou a presença de arte rupestre incisa associada à Idade do Ferro (Figueiredo et al. 2017), única nas proximidades.

O sítio do Algar da Água apresenta uma ocupação

da Pré-história à Alta Idade Média. As ocupações mais recentes, após a Idade do Ferro, registam essencialmente traços de uma funcionalidade como abrigo. Observam-se diversas lareiras e alimento de consumo associado às mesmas. Da Idade do Ferro para além de lareiras registam-se gravuras realizadas com traços de filiforme, incisões e raspagens, denunciando um cariz também votivo para o espaço (Figueiredo et al. 2014; Figueiredo 2019). Até ao momento não observamos outras estruturas. O nível mais antigo é referente à Pré-história. As unidades estratigráficas deste período encontram-se revolvidos e muito lavados nas quadriculas escavadas. No entanto são reveladores de uma presença no domínio dos cultos e rituais funerários, pela exumação de ossos humanos e registo de arte, pela observação de uma pintura em tons vermelho, de um conjunto de antropomorfos (*idem* et al. 2014; *idem* 2019).

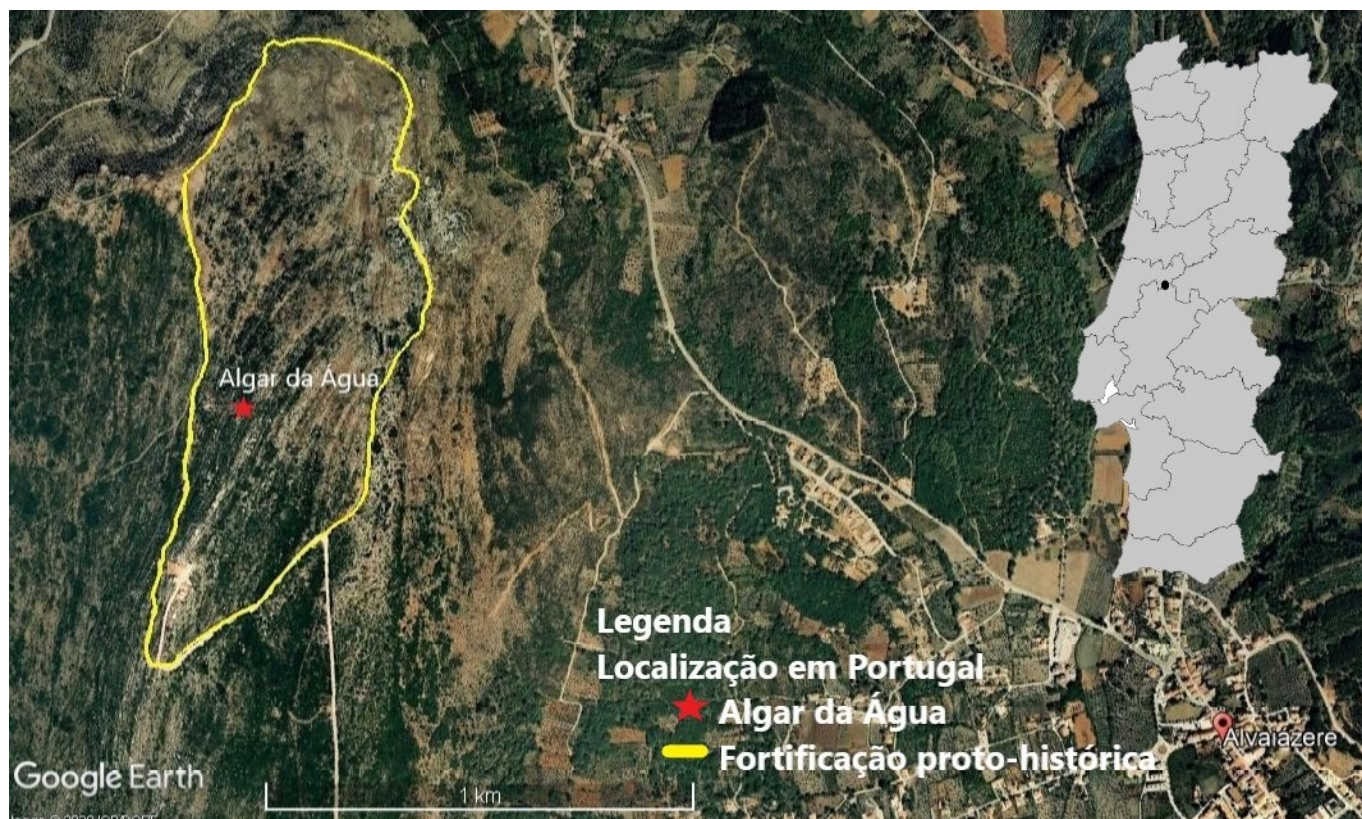


Fig. 1 – Mapa de Portugal e fotografia de satélite com a localização do Algar da Água e da fortificação do habitat Proto-histórico. Fonte: Projeto MEDICE.

3. CONTEXTO E DINÂMICAS ESPACIAIS

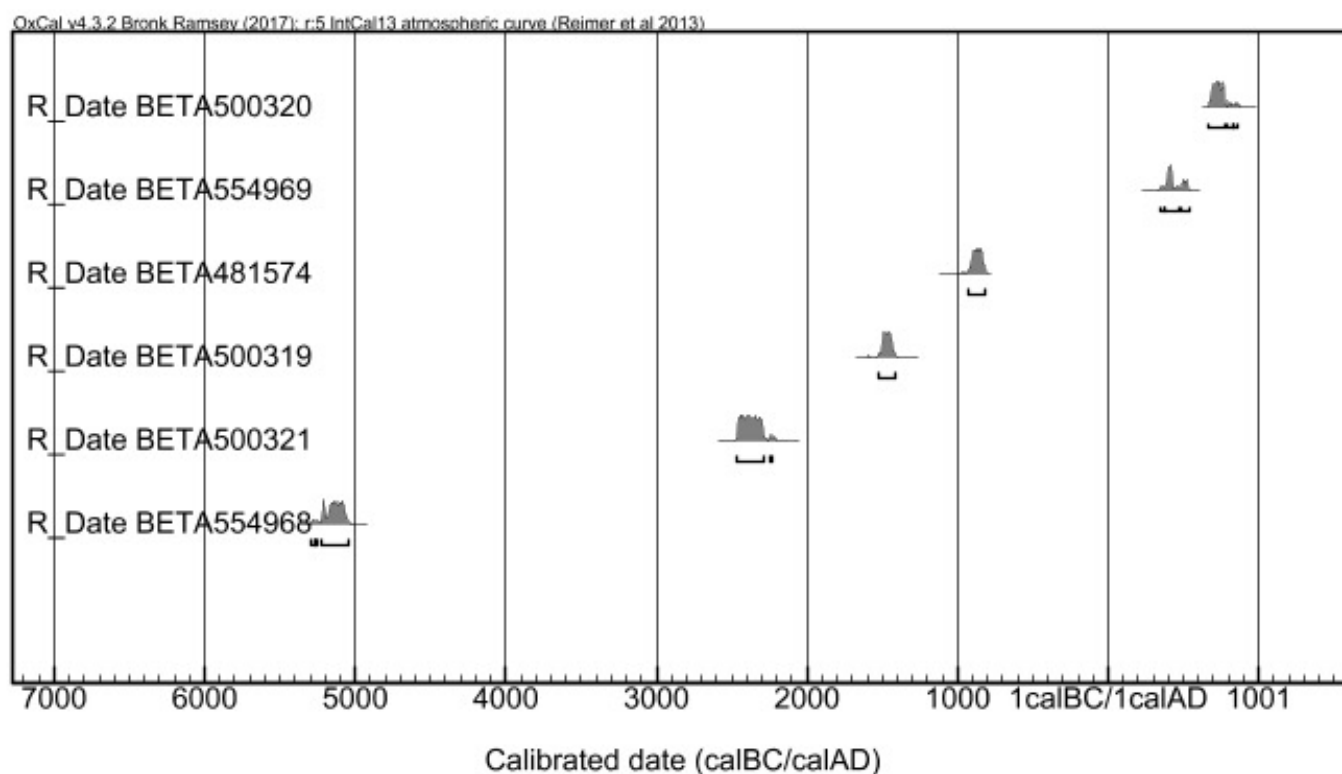
Os vestígios osteológicos humanos obtidos foram datados (tabela 1), remontando a ocupação da cavidade ao Mesolítico Final/ Neolítico Inicial, prolongando esta unidade até ao Bronze Médio. Após esta unidade registam-se outras mais recentes, desde a Idade do Ferro até à Alta Idade Média

A área escavada frente à entrada da cavidade, apresentava-se muito remexida, onde foram exumados ossos humanos descontextualizados, a par com

os materiais cerâmicos, líticos, fauna e artefactos ósseos. As unidades anteriores, como a unidade estratigráfica (UE) 6, são já da Idade do Ferro e está relativamente bem delimitada.

A análise sedimentológica define a UE7 (fig. 2) como uma unidade única, revolvida no período pré-histórico, de onde foram extraídos os diferentes fragmentos cerâmicos. A UE10 foi integrada também neste período e diferenciada no registo arqueológico, por se encontrar visivelmente mais mal preservada

Tabela 1 – Tabela de datações. Fonte: Figueiredo, 2019.



(zona de contínuo escorrimento de sedimentos para as paredes laterais da cavidade).

4. OS ARTEFACTOS CERÂMICOS EXUMADOS E A SUA PARTICULARIDADE

Entre a diversidade dos materiais exumados foram encontrados bastantes fragmentos de peças em cerâmica, artefactos líticos, em osso e metal que abrangem um período compreendido da Pré-história à Alta Idade Média, com notórios intervalos onde não se verifica uma ocupação permanente ou sazonal do espaço, atendendo aos estratos que selaram os períodos

de ocupação. Embora toda a diversidade dos artefactos, vestígios osteológicos e, sedimentos tenham contribuído para o estudo e identificação da gruta do Algar da Água, é através dos vestígios cerâmicos que conseguimos uma melhor perceção e particularidades quotidianas daqueles grupos, para além de nos permitirem analogias com sítios mais ou menos distantes e, perceber a distribuição ou percursos destes grupos num contexto de permutas de utensílios.

Os conjuntos dos materiais registados exibem-nos uma grande variedade de utensílios com finalidades e aplicações diversas, mas, onde se verifica a

particularidade dada a cada peça como resposta às necessidades impostas do quotidiano, às necessidades de guarda, preservação e confeção dos alimentos através dos objetos cerâmicos.

Numa análise sintética no domínio das cerâmicas pré-históricas, os seus formatos são muito variados, apresentando formas abertas e fechadas, com dimensões muito diversas, demonstrando a singularidade que se dava à serventia de cada peça (fig. 3). Os vestígios cerâmicos encontravam-se muito fragmentados e incompletos. Durante a exumação destes materiais foram encontrados fragmentos da

mesma peça espalhados por várias quadrículas e por vezes escavados em anos diferentes.

Quanto às pastas, no geral, têm uma composição média, visível na presença de desengordurante, por vezes com grão lítico de dimensões razoáveis, superior a 1mm, que as leva para uma classificação de média a grosseira. A tonalidade da composição das referidas pastas, são de um modo geral, inconstantes ao longo das peças, ou pelo seu interior, bem visível nos pontos de fratura. A variação não é homogénea no conjunto dos artefactos, variando entre os castanhos-escuros e os cremes.

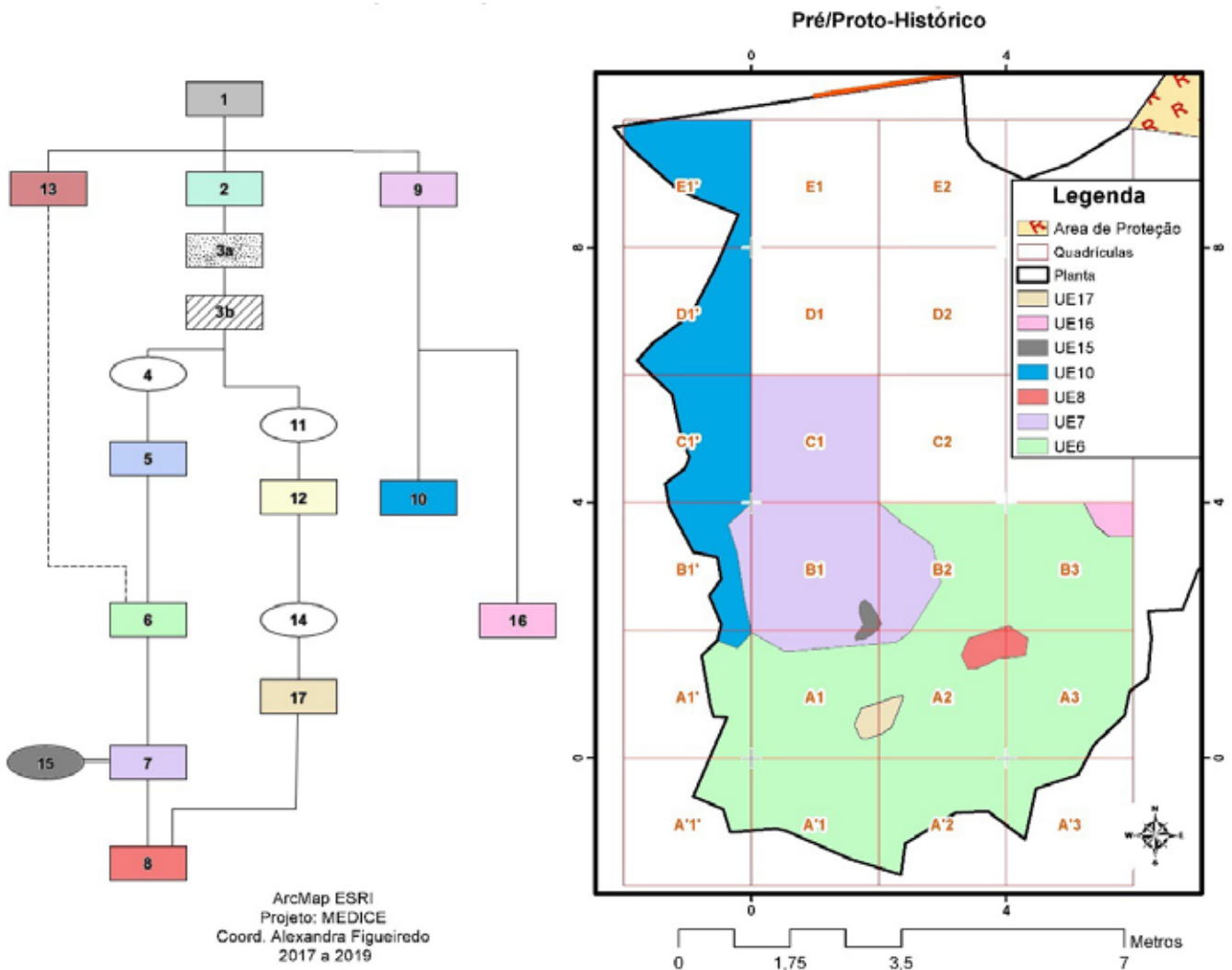


Fig. 2 - Matriz de Harris e planta com as unidades mais antigas. Fonte: Projeto MEDICE

Quanto à qualidade final do trabalho, mesmo atendendo à diversidade dos materiais plásticos, de um modo geral, apresenta uma moldagem satisfatória, as pastas aparecem em camadas, dando às peças alguma elasticidade,

embora apresentem uma consistência dura, comprovado na pouca erosão das faces, o que se reflete na composição final do trabalho, com marcas de alisamento, visível nos sulcos, provocados pelos dedos no interior das

peças. Pelo exterior os trabalhos foram mais cuidados, com melhor alisamento destes artefactos.

Através da densidade das peças, da tonalidade e das técnicas de tratamento são evidentes as diferenças na sua produção e cozedura, indiciando proveniências ou tempos distintos em uma mesma época cronológica.

Em termos de decoração, as técnicas são variadas, registando-se incisas, plásticas ou impressas, evidenciando uma correspondência com outros sítios arqueológicos. A título de exemplo as decorações de impressão registam-se em sítios exteriores a esta região, sobretudo no tipo penteada, bem característico dos períodos do calcolítico do norte do país, onde se associam às incisões arrastadas realizadas por pente

(Jorge, 1998; 2000). Na região está bem evidenciado na Anta II de Rego da Murta, nomeadamente nos vasos 253, 631 e 435, das unidades datadas do calcolítico final, associadas a peças carenadas, com um estilo decorativo metopada (Figueiredo, 2007).

Através das volumetrias das peças em que é possível um reconhecimento funcional (fig. 4), verificamos utensílios para preparar alimentos, alguns com marcas evidentes de fuligem, indiciando terem servido para irem ao lume, outros pela sua abertura e dimensão apresentam características de possível serventia ou preparação desses mesmos alimentos ou substâncias, também encontramos fragmentos de recipientes que pela sua menor dimensão e formas teriam

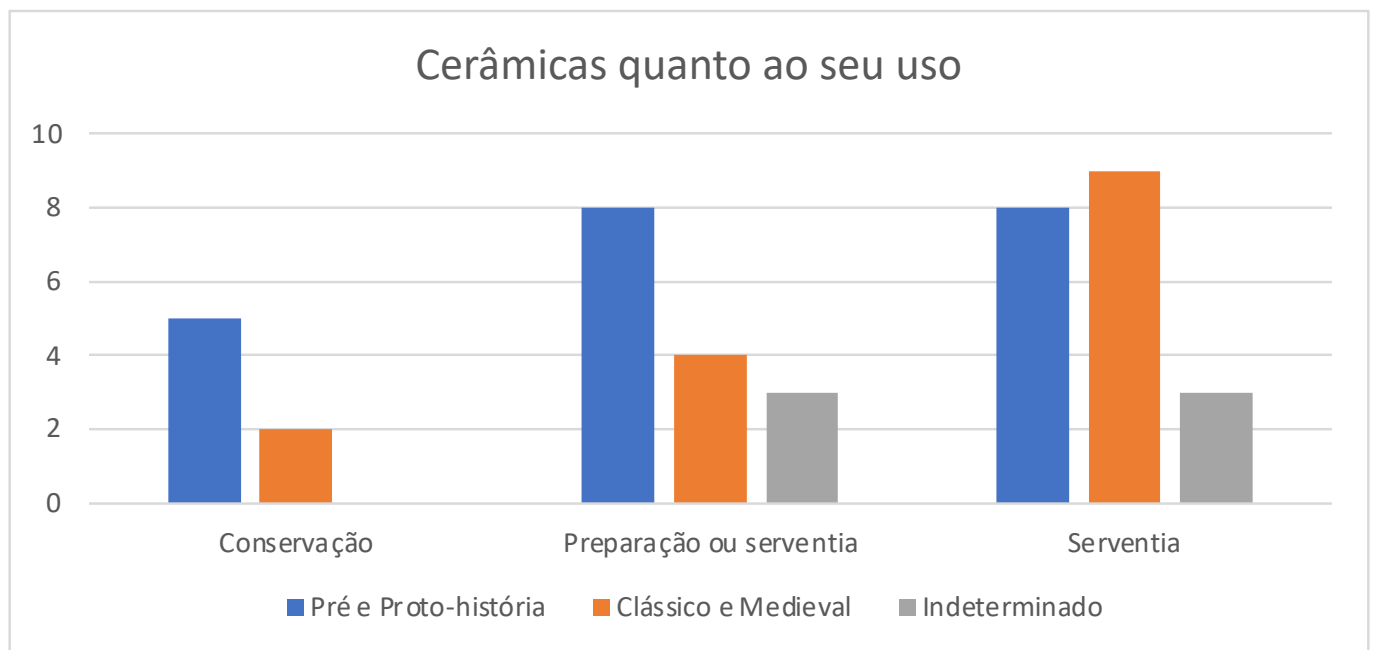


Fig. 3 – Distribuição das peças quanto à sua serventia e períodos.

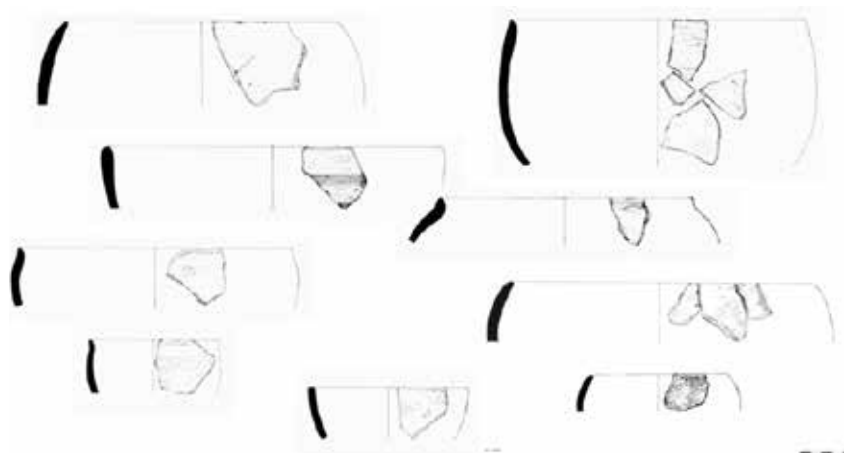


Fig. 4 – Amostra da diversidade das formas e tamanhos das cerâmicas exumadas na estratigrafia pré-histórica da gruta do Algar da Água, provenientes da UE7 e UE10 (Figueiredo, 2019).

uma possível dupla funcionalidade para líquidos ou sólidos, também foram exumados fragmentos que no seu conjunto pelas dimensões superiores e as formas em «saco» ou pote, revelam terem servido para guardar/conservar alimentos, alguns fragmentos ainda conservam vestígios de gordura nas paredes internas ou incrustadas nos fragmentos, visível nos pontos de fratura.

Considerando ainda estes recipientes com préstimo conserveiro, destaca-se uma peça elíptica com fundo convexo e cordão plástico horizontal pelo bojo e perfurado na vertical A.AG-19 nº434, tendo a possibilidade de ser sustentado com distanciamento do solo através de algum tipo de fibra. Uma prática observável em cerâmicas exumadas de sítios pré-históricos (Diniz, 1996; Figueiredo, 2007). Estes artefactos apresentam nódulos ou pegas perfuradas, com a possibilidade de apreensão ou sustentação, não invalidando a possibilidade de serem enterradas em contexto de fossa de armazenamento em um ambiente de *habitat*, exemplificado como uma das possibilidades atribuídas ao vaso neolítico exumado no Castelo dos Mouros (Fernandes, 2016).

Outro exemplar exumado na gruta do Algar da Água, de forma cilíndrica e com ligeira flexão interna em direção à base, sem que tenhamos o fundo da peça, apresenta mamilos pelo bordo A.AG-19 nº437. Exemplares similares foram encontrados em Cabrasua fragmentação.

Nas escavações do Algar da Água, para o período Neolítico destaca-se a decoração cardial. Esta técnica decorativa é encontrada também ao nível ibérico, como os casos de Cova de l'Or ou Cova de la Sarsa (Garcia Borja, 2021), com diversos exemplos de utensílios com decoração cardial total parcial, onde se verificam padrões semelhantes aos exumados no Algar da Água. Também encontramos a mesma técnica decorativa em diversos fragmentos de cerâmica impressa da Senhora da Alegria, figuras 4 e 5 (Varela, 2020) e nos desenhos cerâmicos de Eira Pedrinha, Gruta do Caldeirão, Buraca Grande e Gruta

nosa, vasos 1 e 5 na figura 11.4 e Ponte da Azambuja, vaso 4 na figura 11.5 (Carvalho 2011), ou o exemplo do vaso da Furninha, Peniche (Delgado, 2021). Considerando o volume destas peças, estes apoios poderiam facilitar o manuseamento, deslocação e transporte. Esta tipologia de formas mamiladas surgem em contexto no período Neolítico e prolongam-se até à Idade do Bronze (Cardoso & Carreira, 1995; Calado, 1996). No entanto, na Idade do Bronze, para além da distinção das formas cerâmicas, esta técnica passou a ser mais decorativa que utilitária, com a utilização de mamilos distendidos ao longo da peça (Necrópole da Quitéria) (idem, 1996). Alguns exemplares foram registados na Anta I de Rego da Murta, a sul da serra de Alvaiázere (Figueiredo, 2007).

Estas cerâmicas revelam um padrão construtivo tendo em vista a sua finalidade, verificando-se diversas formas, ao longo do período Neolítico. Num mesmo local podemos encontrar vasos com fins conserveiros com forma tubular/cilíndrica e fundos lisos ou ovais/elípticos com fundo convexo, estas podem ter asas perfuradas, ou nódulos com tipologia de pegas, ou mesmo uma situação mista. As possibilidades de manuseio presentes nestas peças, num determinado momento ou de sítio poderiam ser variadas.

Quanto à cerâmica incisa do período que compreende a Pré e Proto-história, nem sempre é possível percecionar algumas das volumetrias das peças devido à do Escoural, representados na figura 11.2 (Carvalho, 2011). Um dos exemplares do Algar da Água, ainda que bastante fragmentado, aparenta ter sido decorado com *cardium edule*.

Os vestígios cerâmicos sem decoração, que consideramos pertencerem ao Calcolítico, apresentam semelhanças com os registados noutros locais, como é o caso dos exumados da camada 3 de Leceia (Cardoso, 2006). Quanto às cerâmicas decoradas, foram encontrados vários fragmentos com impressão (fig. 5) a pente em harmonia com os padrões decorativos para as camadas 3 e 2 de Leceia, respetivamente Calcolítico Inicial e Calcolítico Pleno (idem Cardoso, 2006). Ainda desse



Fig. 5 – Conjunto de cerâmicas com decoração impressa, penteada (linear e ondulada), exumadas na gruta do Algar da Água.

período, temos cerâmicas com afinidade na forma e decoração a impressão «penteada» com os exemplares encontrados no Castelo de Aguiar (Jorge, 1985) e, em concordância com os desenhos das cerâmicas da Anta de Casalinhos (Gonçalves, 1996).

Estas cerâmicas pela forma e decoração apresentam uma relação com objetos análogos pertencentes a um período de transição das sociedades para uma economia agro-metalúrgica (idem Gonçalves, 1996; Jorge, 2005; 2007; 2020), verificando-se uma evolução/desenvolvimento na qualidade e apresentação das cerâmicas, fruto das alterações comportamentais da sedentarização, impulsionadoras de uma inovação tecnológica (também) ao nível desta tecnologia de utensilagem, que alteraram a forma de conservação e preparação dos alimentos (Morera, 2009).

Pelo exposto, verificamos que estas sociedades não viviam em comunidades isoladas, estas técnicas e padrões cerâmicos que se encontraram em várias escavações ao longo da Península, ou mesmo para lá dos Pireneus num «*ciclo cardial franco-ibérico*» (Carvalho, 2011), indiciam uma relação de comunicação e trocas onde a orografia não é alheia, podendo mesmo ter sido promotora de vias naturais de deslocação e comunicação (Valera et al, 2020; Figueiredo, 2021), levando-nos a interrogar modelos já experimentados sobre colonização *versus* integração (Figueiredo, 2021).

Quanto ainda à sedentarização e ao desenvolvimento das práticas agrárias e de pastoreio que possam ser incluídas como referência no Algar da Água, temos como garantia a fixação no espaço com todo o espólio aí existente e a muito provável prática do pastoreio, mesmo que sazonal em algum momento, corroborada pelo consumo de capra/ovis, onde para

este período pré e proto-histórico foi muito superior o seu consumo em relação aos outros períodos subsequentes (Figueiredo, 2019). Quanto a práticas agrícolas em altura, não temos indícios locais evidentes e os estudos que procuram a intervenção humana nos espaços que habitaram, localizam-se mais para jusante em vales ou próximo de percursos de água, mesmo para sítios estudados em altura as características diferem substancialmente (Burbidge, 2013), pelo que se levanta a hipótese da sazonalidade da ocupação ou um possível movimento pendular.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A serra de Alvaiázere está enquadrada numa periodização com ocupação desde a pré-história. Durante as três campanhas no Algar da Água (2017-2019), aquando do estudo, compreensão e realização da análise dos fragmentos cerâmicos aí escavados, verificou-se uma grande diversidade. Para além de uma datação relativa, desvendava-se uma preocupação dada ao espaço e à sua organização, seja associada ao consumo dos alimentos, às organizações das estruturas ou aos contextos observados em que estes vestígios se encontravam associados.

A análise apresentada pretende ser somente uma breve aproximação, carecendo de desenvolvimento que pretendemos vir a realizar futuramente com o continuar dos trabalhos. Para o momento revelam-se, em jeito de acrescento aos trabalhos já publicados (Figueiredo 2019) alguns dados referentes ao estudo das cerâmicas.

6. REFERÊNCIAS

- ALMEIDA N. ET AL. (2021). Dawn of the dead: funerary behaviour in the Middle Tagus Neolithic. In De Gibraltar aos Pireneus: megalitismo vida e morte na fachada atlântica peninsular, Nelas: Fundação Lapa do Lobo, 2018, 233-244. ISBN: 978-989-98163-5-0. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/329644316_Dawn_of_the_dead_funerary_behaviour_in_the_Middle_Tagus_Neolithic [Consultado em 20/12/2021].
- BURBIDGE C. ET AL. (2021). Luminescence dating and associated analyses in transition landscapes of the Alto Ribatejo, central Portugal. Journal homepage: www.elsevier.com. Nº20, 2014, 65-77. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/259165969_Luminescence_dating_and_associated_analyses_in_transition_landscapes_of_the_Alto_Ribatejo_Central_Portugal [Consultado em 20/12/2021].
- CALADO M. (1996). A idade do Bronze. In Medina J. (coord.) – História de Portugal: Dos tempos pré-históricos aos nossos dias. Amadora, Clube Internacional do Livro, (1): 325-362. ISBN: 84-408-0106-8.
- CARDOSO G. (2009). Cronologias Absolutas Para a Península Ibérica: Sítios Pré-históricos do Alto Ribatejo, Portugal. Instituto Politécnico de Tomar; Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2009. Dissertação de Mestrado em Quaternário e Pré-história. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/264247418_Cronologias_Absolutas_para_a_Peninsula_Iberica_Sitios_Pre-Historicos_do_Alto_Ribatejo_Portugal [Consultado em 12/12/2021].
- CARDOSO J. (2006). As cerâmicas decoradas pré-campaniformes do povoado pré-histórico de Leceia: suas características e distribuição estratigráfica. Estudos arqueológicos de Oeiras, Camara Municipal de Oeiras, (14): 1-267. ISSN: 0872-6086. Disponível em: <file:///C:/Users/vanda/Downloads/2007,%20As%20cer%C3%A2micas%20decoradas%20pr%C3%A9-campaniformes%20do%20povoado%20pr%C3%A9-hist%C3%B3rico%20de%20Leceia.pdf> [Consultado em 29/01/2022].
- CARDOSO J. & CARREIRA J. (1995). O Povoado Pré-histórico de Montes Claros (Lisboa), resultados das escavações de 1988. Estudos Arqueológicos de Oeiras. Camara Municipal de Oeiras, (5): 277-298.
- CARVALHO A. (2011). Produção Cerâmica no Início do Neolítico de Portugal. In Las Primeras Producciones Cerámicas: El VI Milenio cal a. C. em la Península Ibérica. Extra 12, València. Universitat València: PUV – Servei de Publicaciones de la Universidad de València, 237-250. ISSN 2253-7295.
- CUBAS MORERA M. (2009). Tendencias en la investigación de la Cerámica Neolítica en la Región Cantábrica. MUNIBE – Antropología-Arkeologia. Nº 60, San Sebastián, 187-200. ISSN: 1132-2217. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/236270603_Tendencias_en_la_investigacion_de_la_Ceramica_Neolitica_en_la_Region_Cantabrica [Consultado em 14/12/2021].
- DINIZ M. (1996). O Mesolítico. in Medina J. (coord.) – História de Portugal: Dos tempos pré-históricos aos nossos dias. Amadora, Clube Internacional do Livro, (1): 117-147. ISBN: 84-408-0106-8.
- DINIS M. (1996). O Neolítico. in Medina J. (coord.) – História de Portugal: Dos tempos pré-históricos aos nossos dias. Amadora, Clube Internacional do Livro, (1): 149-179. ISBN: 84-408-0106-8.
- FERNANDES A. ET AL. (2016) “Cerâmica simbólica” neolítica do Castelo dos Mouros. Revista Portuguesa de Arqueologia, (19): 33-40. Disponível em: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/publicacoes/rpa/rpa19/04_33-40.pdf [Consultado em 10/12/2021].
- FIGUEIREDO A. (2003 e seg.). Anta I do Rego da Murta. Endovélico: sítio 11463; 2002, 2003, 2004.
- FIGUEIREDO A. (2003 e seg.). Anta II do Rego da Murta. Endovélico: sítio 11464; 2003, 2004, 2005, 2007, 2008, 2010, 2012.
- FIGUEIREDO A. (2017). O sítio Arqueológico Algar da Água Alvaiázere: resultados de 2017 a 2019. 1ª Edição. 159 pp. IPT: LA-BACPS. ISBN: 978-989-8840-40-0.
- FIGUEIREDO A. (2021) As Primeiras Arquiteturas no Centro de Portugal: o caso do complexo megalítico de Rego da Murta (Alvaiázere). 1ª Edição. 307 pp. IPT: Museu Municipal de Alvaiázere. ISBN: 978-989-8840-52-3.
- GARCÍA BORJA P. (2021). La cerámica neolítica. In Museu Arqueològic d’ Alcoi (1945-2020), 73-79.

- GONÇALVES V. (1996). As práticas funerárias nas sociedades do 4º e dos 3º milénios. O megalitismo. in MEDINA, João (coord.) – História de Portugal: Dos tempos pré-históricos aos nossos dias. Amadora, Clube Internacional do Livro, (1), 245-323. ISBN: 84-408-0106-8.
- GONÇALVES V. (1996). Emergência e desenvolvimento das sociedades agro-metalúrgicas. in MEDINA, João (coord.) – História de Portugal: Dos tempos pré-históricos aos nossos dias. Amadora, Clube Internacional do Livro, (1), 183-243. ISBN: 84-408-0106-8
- JORGE, S. (1985). Povoados da pré-história recente do Norte de Portugal (IIIº e começos do IIº milénio a. C.): resultados e problemas das escavações dos últimos anos. Faculdade de Letra do Porto, (2): 297-308. ISSN 0871-164X. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2338974> [Consultado em 29/01/2022].
- JORGE S. (1998). Later Prehistoric Monuments of Northern Portugal: some remarks, in Journal of Iberian archaeology, (0): 105-114. ISSN 0874-2677. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10216/20434> [Consultado em 25/01/2022].
- JORGE S. (2000). Domesticating the land: the first agricultural communities in Portugal, in Journal of Iberian archaeology, 1999, (2): 43-98. ISSN 0874-2677. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10216/20437> [Consultado em 25/01/2022].
- JORGE S. (2007). Castelo Velho de Freixo de Numão. Guia (em português), IGESPAR, IP. Freixo do Numão. 2007. Disponível em: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=20584 [Consultado em 18/12/2021].
- LENEG: investigação para a sustentabilidade (2021). Vaso da Furninha. Museu Geológico. Disponível em: <https://www.lneg.pt/piece/20-vaso-da-furninha> [Consultado em 26/12/2021].
- VALERA A. ET AL (2020). O povoado do Neolítico Antigo da Senhora da Alegria e a problemática da contextualização da cerâmica impressa no centro litoral de Portugal. In Contextualizando la cerámica impresa: Horizontes culturales en la península Ibérica, Barcelona, Servei de Publicacions, 183-200. ISBN: 978-84-490-9334-0.

